

GENTE INSATISFEITA

“A maioria dos homens leva uma vida de desespero silencioso e vai ao túmulo sem ter expressado sua alma”. (Henry David Thoreau)

Há pessoas que vivem insatisfeitas. Nunca estão felizes e não sabem o que significa a palavra “plenitude”. Aliás, se há algo que eles nunca experimentaram é o sentir-se pleno; sentir-se “cheio”, como sugere o latim *plenus*. Pelo contrário, tais pessoas vivem vazias, e esse sentimento é horrível, lhes dá uma insatisfação com a vida que pode ser vista por aqueles que estão por perto, seja pela tristeza estampada no rosto ou, então, pelas reclamações constantes ou murmurações. Robert D. Hisrich, estudioso sobre empreendedorismo, declarou aos alunos da Universidade da Califórnia que “o dinheiro não é solução para a insatisfação interior”. Há pessoas pobres – comenta ele – que são bem mais felizes que alguns milionários. Por quê? Possivelmente, porque, de alguma forma, essas pessoas encontraram algo que as preenche, que as completa, que lhes dá a sensação de que estão plenas. Cada vez mais, pessoas têm chegado à conclusão do sábio que escreveu: “Quem ama o dinheiro jamais terá o suficiente; quem ama as riquezas jamais ficará satisfeito com os seus rendimentos. Isso também não faz sentido” (Eclesiastes 5.10). Se o dinheiro – e tudo o que ele pode comprar – não produz satisfação, então, o que produzirá? Para essa resposta, precisamos questionar que tipo de satisfação temos buscado, ou de que queremos ser cheios.

Grande parte da insatisfação do homem pós-moderno, por certo, se deve a uma compreensão errada de plenitude. As pessoas buscam aquilo que não as preencherá e, por isso, se sentem vazias, apesar de se esforçarem tanto e buscarem, o tempo todo, algo que as preencha. Há tantas histórias que mostram isso. Pessoas que construíram patrimônios bilionários e morreram sozinhas, pessoas que se entregaram aos vícios, famílias destruídas, gente que gastou sua fortuna, mas não encontrou um tratamento de saúde que aumentasse, por mais alguns dias, a vida. Histórias de pessoas sem plenitude, que passaram a vida toda em busca de algo que elas nunca descobriram o que é.

Dois pensamentos podem nos ajudar nessa busca da satisfação: desenvolvermos contentamento e revisarmos nossa escala de valores. Contentamento é permitir-se preencher com aquilo que vale a pena, que é possível, que, por vezes, supera, e muito, o valor material das coisas. Aprender a satisfazer-nos, a contentar-nos é algo maravilhoso, pois nos libertamos dos preços, dos locais mais badalados ou da lista dos ‘mais-mais’. Contentar-se é alegrar-se com aquilo que pode, sem ficar se comparando com quem pode mais. E, acompanhado a isso, vem uma nova escala de valores, uma nova visão do que realmente é importante. Descobriremos, com isso, que estar com determinadas pessoas é mais importante do que ir a determinados lugares, e ganhar menos e ter mais tempo para a família é muito melhor.

A satisfação, a alegria que vem de dentro e o senso de realização só são possíveis para quem descobriu uma maneira mais humilde de ver a vida, aprendeu a contentar-se e a libertar-se da escravidão dos que, por nunca se satisfazerem, tentam obrigar todos a ter mais, e mais e mais. Uma das frases mais libertadoras e promotoras de satisfação é: “já aprendi a contentar-me com o que tenho” (Filipenses 4.11). Quem aprender essa lição viverá melhor e, com certeza, expressará sua alma.